

gica promovida nos *media* sociais com o argumento de “ouvir os dois lados”, a extrema-direita propaga sistematicamente mentiras que são assumidas como verdade por milhões de pessoas. Estas mentiras têm a capacidade de interferir diretamente com a vida pública e política das sociedades e permitem a propagação de teorias da conspiração. A falta de pensamento crítico leva ao nacionalismo extremo, como no caso do Brasil de Jair Bolsonaro. A autora sustenta que tempos de mudança são particularmente benéficos a “charlatões” (p. 201), sublinhando que notícias falsas e teorias da conspiração fornecem narrativas convenientes para reforçar crenças políticas, mas também ideias do senso comum.

O livro *Enough Already! A Socialist Feminist Response to the Re-emergence of Right Wing Populism and Fascism in Media* foi escrito durante a presidência de Donald Trump e no início da campanha eleitoral de 2020. O pessimismo anunciado na introdução é explicado numa obra lúcida e clara sobre a forma como o populismo, o autoritarismo e o fascismo estão cada vez mais latentes numa era em que a informação tem uma velocidade sem precedentes. No entanto, como bem sublinha a autora, na era do digital as promessas de uma rede neutra promotora da igualdade esvaneceram-se em pós-verdades e factos alternativos criados e aproveitados por retóricas misóginas, racistas e xenófobas que se multiplicam.

Referências bibliográficas

Agostinone-Wilson, Faith. 2020. *Enough Already! A Socialist Feminist Response to the Re-emergence of Right Wing Populism and Fascism in Media*. Leiden: Brill Sense.

***In Plain Sight. Sexual Violence in Armed Conflicts*, organizado por Gaby Zipfel, Regina Mühlhäuser e Kirsten Campbell. New Delhi: Zubaan Academic, 2019, 472 p.**

 António Sousa Ribeiro

Faculdade de Letras e Centro de Estudos Sociais
da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
asr@ces.uc.pt

O volume em apreço, de que saiu, entretanto, também uma versão alemã (*Vor aller Augen. Sexuelle Gewalt in bewaffneten Konflikten*. Hamburg: Hamburger Edition, 2021), representa a súmula de vários anos de trabalho do grupo SVAC – *Sexual Violence in Armed Conflict* (www.warandgender.net). O local de nascimento deste

grupo, o Instituto de Estudos Sociais de Hamburgo, elegeu, desde a fundação, o tema da violência como um dos seus tópicos de investigação estruturantes. Nos anos de 1990, o Instituto organizou a conhecida exposição sobre os crimes da Wehrmacht, que constituiu uma inflexão importante nos estudos sobre o nazismo e o Holocausto e, que, exibida em muitas cidades do espaço de língua alemã, obteve grande ressonância e esteve no centro de intensas controvérsias. Gaby Zipfel, durante 30 anos diretora da revista *Mittelweg 36*, órgão do Instituto, participou de perto neste projeto. Desde cedo, porém, a sua pesquisa se orientara para o tema da violência contra as mulheres e, em particular, da violência sexual.³ Longamente acalentado, o projeto de constituir um grupo de investigação internacional centrado neste tema viria a materializar-se em 2010, com a importante colaboração de Regina Mühlhäuser e o apoio do Instituto de Hamburgo. O grupo foi capaz de rapidamente se constituir numa rede internacional, reunindo muitas das investigadoras mais reputadas da área, e prossegue o seu relevante trabalho, apesar do desaparecimento prematuro de Gaby Zipfel, que, infelizmente, já não assistiria à publicação da versão alemã.

O volume resulta de um encontro internacional – “Against Our Will – Forty Years After: Exploring the Field of Sexual Violence in Armed Conflict” – realizado em Hamburgo por ocasião do 40.º aniversário da publicação da obra de Susan Brownmiller, *Against Our Will: Men, Women and Rape*, um estudo seminal de absoluta referência na área dos estudos da violência contra a mulher e, em particular, da violação. Não se trata, no entanto, do tradicional livro de atas, mas sim de uma obra cuidadosamente organizada, cuja estrutura, com cada capítulo dividido em duas partes – “Intervenções” / “Reflexões” –, conduz o/a leitor/a de forma muito coerente por um conjunto de tópicos a cuja discussão a adição, nalguns casos, de pequenos textos com a função de comentário confere um carácter dialógico.

Este carácter dialógico está exemplarmente plasmado num dos dois textos que cumprem a função de introdução, “Gaps and Traps. The Politics of Generating Knowledge on Sexual Violence in Armed Conflict”, e que constitui um fórum de discussão em que participou uma parte das autoras do volume. Este fórum complementa de maneira decisiva o breve texto intitulado “Introdução”, constituindo como que uma cartografia geral do conjunto de problemas que definem o campo em análise. O mais elementar desses problemas é definido com clareza por Joanna Bourke: “Um problema que vemos na investigação sobre a guerra e o conflito armado é que muitos estudiosos não parecem pensar que a violência sexual está errada” (p. xxiv).⁴

³ Veja-se, por exemplo, o artigo “‘Vamos lá curtir um bocadinho’. A relação entre identidade sexual, violência e sexualidade em conflitos armados”, publicado em 2012 na *Revista Crítica de Ciências Sociais* 96.

⁴ No original, “One problem that we see in research on war and armed conflict is that many scholars do not seem to think that sexual violence is wrong”.

Com efeito, como qualquer estudioso/a da violência deverá saber, a naturalização da violência constitui um problema basilar que, muitas vezes, dificulta e confunde a própria definição do conceito. No caso da violência contra as mulheres, em particular em contexto de guerra, essa naturalização, repercutida, como lembra Joanna Bourke, na lógica da investigação, é particularmente marcada. A associação a uma noção de masculinidade cultivada no meio militar como pressuposto para a formação de combatentes eficazes produz uma combinação letal. Por outro lado, a desnaturalização de processos de violência exige uma perspectiva crítica assente num conceito de violência suficientemente amplo para não permitir que se gerem as zonas de invisibilidade que são comuns quando se insiste num conceito demasiado restrito. Essa mesma amplitude, por outro lado, suscita, por si mesma, fatores de complexidade que exigem à investigação neste campo um nível de sofisticação acrescido.

A verdade é que, como lembram as organizadoras na sua breve introdução, a visibilização da violência contra as mulheres deve-se, fundamentalmente, à ação organizada das próprias mulheres. Sobretudo após 1989, a violência contra mulheres em contexto de guerra, a partir, nomeadamente, da experiência do genocídio dos Tutsi no Ruanda ou dos conflitos que acompanharam a desagregação da Jugoslávia, entrou crescentemente no radar da atenção internacional, incluindo das organizações das Nações Unidas ou dos tribunais penais internacionais. Em 1998, a violência sexual foi declarada um ato de genocídio e, em 2001, definida como crime contra a humanidade.

Estes avanços em vários campos não escondem, no entanto, a complexidade do tema nem podem fazer esquecer todas as perguntas que continuam em aberto. O postulado fundador do grupo SVAC está em que essa complexidade só pode ser abordada com sucesso de uma perspectiva interdisciplinar, transnacional e comparativa, como a refletida na composição internacional do próprio grupo e no cruzamento, no próprio interior deste, entre diferentes áreas de interesse e diferentes focos nacionais. Essa mesma perspectiva está bem refletida nas diferentes contribuições, distribuídas por quatro secções, cujos títulos falam por si: “War/Power”; “Violence/Sexuality”; “Gender/Engendering”; “Visibility/Invisibility”.

Não é possível, no breve espaço desta revisão, fazer justiça em particular a cada contributo incluído no volume. Um traço comum é bem visível: a generalidade dos capítulos, para além de uma abordagem bem informada, teoricamente sofisticada, atenta às referências mais atuais, traduz, igualmente, uma atitude interventiva, consciente das profundas ressonâncias éticas e políticas de um tema que não constitui simplesmente um objeto de investigação, antes se constitui como uma interpelação permanente que não pode deixar de mobilizar uma forte dimensão afetiva – desde logo, o sentimento de compaixão pelas vítimas de experiências traumáticas e a consciência concomitante do modo como o sofrimento dessas vítimas responsabiliza profundamente o/a investigador/a. É assim que, além da abordagem de temas e contextos muito diversos e do aprofundamento analítico a partir

de estudos de caso, o volume oferece, no seu conjunto, uma proposta de investigação de grande rigor e exigência que, pode dizer-se, estabelece um paradigma teórico-metodológico que transporta a abordagem do tema para um novo patamar. Por outro lado, sendo resultado de um diálogo em curso que a bem conseguida estrutura do volume consegue espelhar de forma muito viva, as abordagens propostas, ao mesmo tempo que sistematizam as questões fundamentais em presença, não têm a pretensão de as “esgotar”, pelo contrário, acabam por formular mais perguntas do que respostas, oferecendo, assim, inúmeras pistas para investigações futuras.

Estamos, assim, perante uma ampla cartografia transnacional da complexidade de problemas situados no entrecruzamento das questões da violência, da memória, do trauma e da identidade sexual que representa, indubitavelmente, um marco na consolidação de um campo de estudos de flagrante urgência e relevância. Seja na versão inglesa, seja na alemã, substancialmente idênticas, este volume fica a constituir uma referência indispensável.

Referências bibliográficas

- Zipfel, Gaby. 2012. “‘Vamos lá curtir um bocado’. Relação entre identidade sexual, violência e sexualidade em conflitos armados.” *Revista Crítica de Ciências Sociais* 96: 31-46.
- Zipfel, Gaby, Regina Mühlhäuser, e Kirsten Campbell (orgs.). 2019. *In Plain Sight. Sexual Violence in Armed Conflicts*. New Delhi: Zubaan Academic.

***Feminismo para os 99%. Um manifesto*, de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser. Tradução de Eurídice Gomes. Lisboa: Objectiva, 2019, 136 pp.**

 Célia Taborda Silva

Universidade Lusófona do Porto, Porto, Portugal
celia.taborda@ulp.pt

O livro *Feminismo para os 99%*, da autoria de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, apresenta-se sob a forma de um manifesto, à semelhança do *Manifesto do Partido Comunista* escrito por Marx e Engels, em 1848. Como qualquer manifesto, é uma denúncia, uma provocação, que traz a lume aquilo que são as limitações do feminismo liberal, burguês e capitalista, mas é também uma chamada de atenção para o novo feminismo emergente, que é internacionalista, pró-ambientalista e antirracista, e um guia do feminismo para os 99%. Tal como outros